

**Antes dos tratados: Francisco Dias e a circulação de modelos
na arquitetura religiosa da América portuguesa**

Before the treatises: Francisco Dias and the circulation of models in
religious architecture in Portuguese America

Andrea Buchidid Loewen¹

RESUMO

Considerando terem sido os jesuítas os primeiros religiosos a aportar na América portuguesa com a missão de catequisar os nativos e educar as famílias dos colonos, foram também eles os responsáveis pela construção das primeiras igrejas e colégios nestas terras. Superados os debates sobre um pretenso “estilo jesuítico”, o artigo lança luz sobre a importância de Francisco Dias, irmão leigo da Sociedade de Jesus que o tinha no canteiro da igreja de São Roque de Lisboa por “arquiteto”, para a circulação dos modelos arquitetônicos adotados na edificação dos primeiros templos dos inicianos no Brasil.

Palavras-chave: Francisco Dias, arquitetura religiosa no Brasil, arquitetura jesuítica

ABSTRACT

Considering that the Jesuits were the first religious order to arrive in Portuguese America with the mission of catechizing the natives and educating the families of the settlers, they were also responsible for building the first churches and schools in these lands. Having been overcome the debates about an alleged “Jesuit style”, the article sheds light on the importance of Francisco Dias, a lay brother of the Society of Jesus who had him at the construction site of the church of São Roque in Lisbon as an “architect”, for the circulation of architectural models adopted for the building of the first temples of the Ignatians in Brazil.

¹ FAU USP / Professora Doutora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto – AUH /andrealoewen@usp.br

Keywords: Francisco Dias, religious architecture in Brazil, Jesuit architecture

Mas o Brasil, ao chegarem os Portugueses, era um imenso sertão florestal, sem cidades, nem vilas, nem artes liberais, e os Jesuítas em 1549 para residir tiveram que construir casa, igreja para rezar, escola para ensinar; e, por suas próprias mãos, com materiais pobres, paus, terra ou barro amassado, e palha, fizeram de Miguel Ângelo e de Vignola em casas que duraram três anos.²

O Brasil foi a primeira região das Américas na qual os jesuítas fundaram uma província, cujas atividades, iniciadas em 1549, prosseguiram até 1759. John Bury, no ensaio sobre a arquitetura da Companhia de Jesus nestas terras, afirma terem sido os seus membros os mais empreendedores entre os primeiros construtores da Colônia e, em virtude de seu prestígio e habilidades, os principais expoentes do desenvolvimento da arte e da arquitetura brasileiras durante os seus dois primeiros séculos: “a Companhia constituía naquele período o canal de transmissão mais influente da cultura europeia para a América portuguesa”.³

Com Tomé de Souza, naquele primeiro ano, vieram seis jesuítas, autorizados pelo rei para manterem, com exclusividade, atividades missionárias regulares na Colônia. A ordem religiosa dos inacianos ainda estava em estruturação e somente em 1556 chegaram aqui as recém-escritas Constituições da Ordem. Seu monopólio vigorou até 1580, quando se permitiu, devido à união das Coroas Ibéricas, a fixação de outras ordens religiosas, tais como os franciscanos e beneditinos, antigas ordens associadas à Coroa hispânica no processo de conquista e catequese na América Espanhola.⁴

Os nomes dos primeiros inacianos radicados no Brasil são muito conhecidos pela historiografia: o Provincial Manuel da Nóbrega, João Azpilcueta, Leonardo Nunes, Antônio Pires, Diogo Jácome e Vicente Rodrigues.

2 LEITE, Serafim (S.J.). *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Ed. Brotéria, 1953, p. 39.

3 BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. São Paulo: Nobel, 1991, p. 43.

4 TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Entre a Cruz e a Espada: Jesuítas e a América Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 1995, p. 35.

A este núcleo inicial se somaram outros nomes ao longo do século XVI, dentre os quais o renomado José de Anchieta.⁵

Sabe-se que desde o início os padres trabalharam mais permanentemente com a população indígena, mas também que cometeram o equívoco de removê-los das regiões periféricas. A começar a década de cinquenta dos Quinhentos, sob Anchieta, o dito apóstolo do Brasil, os jesuítas assentaram os seminômades tupis-guaranis em aldeias próximas aos centros da Colônia acreditando que os mesmos serviriam como exemplos morais eficazes.

Tal política não apenas se tornou coercitiva como resultou na provisão de convenientes forças de trabalho para os colonizadores portugueses.⁶

Notícias sobre as primeiras atividades de Nóbrega e Anchieta são relatadas pelo cronista Padre Polanco e esclarecem sobre a distribuição dos inacianos pelo território:

No Brasil, os Nossos se espalharam por quatro localidades... São Salvador, Porto Seguro, Espírito Santo, e São Vicente... São Vicente era a mais distante do alcance dos Portugueses. Lá o provincial Nóbrega residia com outros cinco padres, um dos quais, Leonardo Nunes, se tornou o primeiro a ser mandado de volta a Portugal neste mesmo ano [1554]. Ele forneceu a Padre Inácio e aos Portugueses informações mais exatas e precisas sobre a situação no Brasil...

Nóbrega havia deixado alguns dos Nossos em cada um dos outros colégios, de modo a haver mais nesta área daqueles devotados à conversão dos Índios que pareciam ser menos ferozes e mais dispostos a aceitar o Evangelho do Reino de Deus. Em São Vicente, os Nossos possuíam um grande número de crianças indígenas que eles reuniram de diferentes regiões. Além dos rudimentos da fé cristã, eles os instruíam em leitura e escrita. Prover a estas crianças requeria trazer provisões do litoral... Nóbrega também avaliou ser melhor para os Nossos e para as crianças se mudar para vilas indígenas que poderiam prover suas necessidades.

Não foi apenas a conveniência na obtenção de provisões que o levou a esta iniciativa, mas também o fato de que entre os Portugueses as crianças faziam menos progressos do que os Nossos esperavam. Alguns dos nossos, especialmente José de Anchieta... foi com as crianças para Piratininga e, em uma pobre, estreita e pequena casa celebraram a primeira Missa na festa de Conversão de São Paulo. Por

5 TAVARES. *Entre a Cruz e a Espada: Jesuítas e a América Portuguesa*, p. 36.

6 BAILEY, Gauvin Alexander. *Art in the Jesuit Missions in Asia and Latin America, 1542- 1773*. Toronto/Buffalo/London: The University of Toronto Press, 1999, p. 42.

esta razão eles dedicaram o lugar ao apóstolo e o chamaram São Paulo.⁷

A proximidade com os nativos levou os jesuítas a descobrirem seu talento e inclinação para a música, já que os indígenas se deleitavam em ouvir os padres cantar e tocar instrumentos musicais. Assim, os inacianos se uniram a alguns órfãos portugueses que os assistiam e aos próprios nativos para dar início a uma tradição musical que causaria grande impressão. Em São Vicente, por volta de 1533, os jesuítas ensinavam crianças nativas não apenas a ler e escrever, mas também a cantar ao modo europeu e a tocar a flauta, um empreendimento que se transformaria no que tem sido nomeado como “a primeira escola de música no hemisfério ocidental”.⁸

Apesar da importância do trabalho missionário dos jesuítas, cabia a eles também a educação dos colonos. Assim, a fundação de colégios se deu imediatamente após a chegada dos inacianos e de modo associado ao projeto missionário. No entanto, foram muitas as dificuldades enfrentadas para se consolidarem na década de cinquenta do século XVI. Na década seguinte, esta instituição se fortaleceu, graças, principalmente, ao Alvará de 1564 de D. Sebastião que fixou o padrão de redizima de todos os dízimos e direitos que pertenciam a El-Rei em todo o Brasil para sustentação do colégio da Bahia, benefício depois estendido para os do Rio de Janeiro e de Olinda.⁹

Em vista da natureza de tais ações e movidos certamente pela necessidade, conforme afirma o padre Serafim Leite, as artes da edificação foram as primeiras exercitadas na América portuguesa pelos jesuítas.¹⁰ Nos registros por ele consultados se encontravam, em meio aos inacianos e aos homens de Tomé de Souza, um arquiteto, um mestre-de-obras, além de vários pedreiros, carpinteiros,

7 Cf. LÉCRIVAIN, Philippe (S. J.). Jesuit Culture and Missions in the Seventeenth and Eighteenth Centuries: At the Crossroads of History and Theology. In O'MALLEY & BAILEY (eds.). *The Jesuits and the Arts 1540-1773*, p. 250.

8 O'MALLEY. *Saint Ignatius and the Cultural Mission of the Society of Jesus*, p. 7.

9 TAVARES. *Entre a Cruz e a Espada: Jesuítas e a América Portuguesa*, pp. 39-40.

10 LEITE. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*, pp. 27 e 39.

serradores, caieiros, oleiros, etc., que auxiliaram na empreitada de construção da capital da Colônia. O dito arquiteto trazido pelos portugueses em 1549 para as obras de caráter oficial era Luís Dias e Nóbrega contava ainda com Diogo Peres, sobrinho daquele, para mestre de obras do Colégio da Bahia.

Uma carta escrita pelo jesuíta e endereçada ao Provincial de Portugal, em 1552, reivindica a vinda de novos oficiais e dá conta das dificuldades enfrentadas e da precariedade das primeiras construções:

A nossa Igreja, que fizemos, se nos cai, porque era de taipa e de palha. Agora ajuntarei estes Senhores mais honrados que nos ajudem a repará-la, até que Deus queira dar outra Igreja de mais dura, se V.^a Reverência parecer bem falar nisto a El-Rei. Senão, os Padres que vierem farão outra, que dure outros três anos, porque nossas mãos já não poderão fazer outra se não for daqui quinhentas léguas pelo sertão.¹¹

Mas somente às vésperas do Natal de 1577 o Irmão Francisco Dias, encarregado da condução das obras da igreja de São Roque em Lisboa desde 1574, desembarca em Salvador acompanhando o Padre Gregório Serrão. Sua importância no andamento da obra da casa-mãe dos jesuítas é atestada em uma carta redigida pelo provincial de Portugal e encaminhada a Roma em 1577, quando de sua designação para vir ao Brasil:

Tratei com os Padres de São Roque, e achamos ser muito necessário este ano o Irmão Francisco Dias nesta Casa, porque esperamos que acabe a Igreja, e o que mais falta do edifício; o qual é de muita importância e depende deste Irmão, que anos há traz tudo entre mãos, e sabe o particular de cada coisa e como tudo se há de fazer. E partindo para o Brasil este ano, como V. Paternidade ordena, será notável falta.¹²

A traça de São Roque (fig. 1) – de nave única com capelas colaterais intercomunicantes sobrepostas por galerias, púlpitos em paridade, além da capela-mor de altura elevada mas pouco profunda - tem sido objeto de uma série

11 NÓBREGA, Manoel da. *Cartas do Brasil*, 132. Apud LEITE. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*, p. 40.

12 LEITE, Serafim (S.J.). *Novas Páginas da História do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 313.

de debates na historiografia. De um lado, posicionam-se os autores portugueses a defender sua atribuição ao mestre Afonso Álvares; de outro, Pietro Pirri (S.J.), reconhecido estudioso italiano da arte edificatória dos jesuítas, que atribui ao arquiteto Giovanni Tristano, o responsável pelos canteiros jesuítas na Itália e no exterior desde 1558, a autoria dos desenhos trazidos de Roma pelo padre Miguel Godinho.¹³ Sua hipótese é reforçada seja pelas familiaridades que observa entre São Roque e certas edificações projetadas por Tristano antes mesmo de sua intervenção em Il Gesù seja pelo fato de Miguel Torres requerer a presença de Tristano para orientar as obras apenas iniciadas em Lisboa.

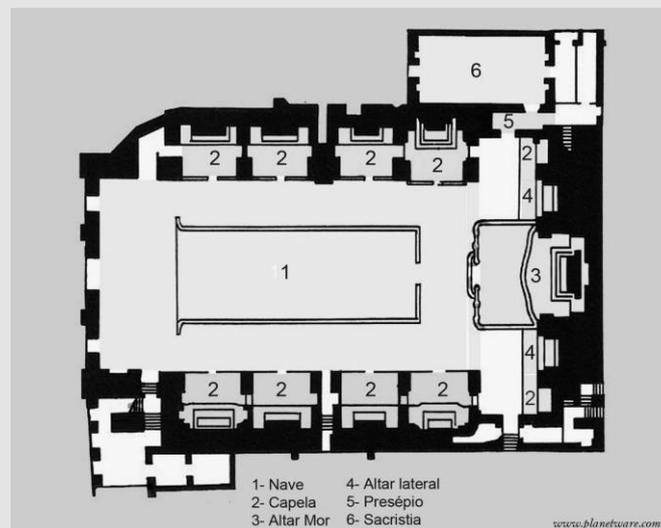


Figura 1 – Igreja de São Roque, Lisboa. Planta.

Benedito Lima de Toledo aventa ainda uma terceira hipótese e considera poder ter sido o próprio padre Godinho o autor do risco, baseando-se para tanto em uma carta datada de 1569 que refere a intervenção do religioso na obra de Afonso Álvares.¹⁴ Na missiva, anotada no estudo do padre Serafim Leite, encontra-se a afirmação de que o padre Manuel Godinho fez uma traça, com

13 PIRRI, Pietro. *Giovanni Tristano e i primordi della architettura gesuitica*. Roma: Institutum Historium S. J., 1955, pp. 90-93.

14 TOLEDO, Benedito Lima de. *Esplendor do Barroco Luso-brasileiro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 71.

parecer do arquiteto-régio, que possibilitava aos confessores entrar nos confessionários sem passar pelo “corpo da igreja”.

Não obstante as disputas em torno da autoria do risco, é certo que Afonso Álvares tenha sido o responsável pelas obras da igreja até a altura da cornija inferior, entre 1566 e 1575, conforme informa uma carta do Padre Francisco Henriques endereçada ao Padre Luís Gonçalves da Câmara¹⁵, que tenha sido sucedido por seu sobrinho, Baltazar Álvares, que Francisco Dias tenha participado intensamente do canteiro e que, vindo ao Brasil, tenha sido o canal de transmissão dos modelos lá aplicados.

Ainda que o provincial de Portugal insistisse na importância de sua permanência em Lisboa para a finalização do templo, Dias parte para a Colônia em 1577, onde atua até sua morte, aos 95 anos, em 1633. A princípio, e era esta a condição para sua vinda, estimara-se que bastaria fazer as traças para as construções de três novos colégios e regressar a Portugal; entretanto, as dificuldades econômicas para levar a cabo grandes construções, que além do mais se situavam a enormes distâncias, desde Pernambuco a São Vicente, retardavam o andamento dos trabalhos e motivaram os padres do Brasil a enviar uma carta ao Geral, em 1579, reivindicando sua permanência: argumentavam que em Portugal havia muitos arquitetos, enquanto que no Brasil, só ele.¹⁶

Mesmo que o pedido tenha sido negado, com o argumento de que Dias era assaz necessário às obras do Reino, ele assume a função de arquiteto e inspetor geral das obras de diversos colégios e igrejas no Brasil. O reconhecimento de sua autoridade na arte edificatória é atestado nas diretrizes fixadas pelo visitador Cristóvão de Gouveia em 1589:

Para se evitarem gastos inúteis se proíbe a qualquer superior, que não mande fazer fora das traças coisa alguma de momento, nem menos desmanche o que estiver já feito, se não for para fazer o que fica nas traças, e procurem continuar o que está começado, e havendo alguma

15 OLIVEIRA, Maria Helena. *Igreja de São Roque*. Lisboa: Santa Casa de Misericórdia, 2008, pp. 18-19.

16 LEITE. Novas páginas da História do Brasil. Op. cit., p. 314.

dúvida se resolverá com parecer dos consultores, e do Irmão Francisco Dias ou outro arquiteto em seu lugar.¹⁷

Em Salvador, Dias encontrou a antiga igreja edificada por Mem de Sá ainda em boas condições, mesmo que suas dimensões já parecessem insuficientes em vista do crescimento da cidade, e deu início às obras do Colégio. A construção dos colégios nas colônias era pautada pelas regras fixadas na *Acta in Congregationes Generalis I*, de 1558, que em seu decreto 34 (*De ratione aedifitiorum*) recomendava: *nec sumptuosa sunt, nec curiosa*. Além disto, cabiam também à edificação dos colégios os mesmos princípios empregados na construção das igrejas, a saber, solidez, simplicidade e funcionalidade.¹⁸

Já desde 1565 o cardeal infante D. Henrique havia ordenado ao governador geral Mem de Sá a construção de outros dois colégios nas partes mais a sudeste do Brasil. Por recomendação do governador, um deles ficaria na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, “por ficar em meio da Capitania do Espírito Santo e São Vicente”, enquanto o segundo, segundo a carta régia de 1568, deveria se erguer na Capitania de São Vicente.¹⁹

Iniciadas em 1567, as obras do Colégio do Rio de Janeiro ficaram a cargo do padre Afonso Brás, “por ser grande carpinteiro”²⁰. Inaugurado em 1579, o colégio já parecia insuficiente aos olhos de Anchieta, em 1583, ano no qual se inicia a construção da nova igreja pelo Irmão Francisco Dias, responsável também pelos riscos para os colégios e igrejas de Olinda e Santos.²¹

Os jesuítas, e entre eles Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, tiveram um papel importante na fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, encabeçada por Estácio de Sá, em 1565, e a primeira capela por eles erguida era

17 *Idem*, p. 314.

18 CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. Utopia e Realidade. Real Colégio de Jesus da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. In *A Forma e a Imagem. Arte e Arquitetura Jesuítica no Rio de Janeiro Colonial*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1991, p. 47.

19 *Idem*, p. 49.

20 *Ibidem*, p. 54.

21 TOLEDO, B. L. *Op. cit.*, p. 77. Segundo Serafim Leite, A igreja do colégio de Olinda em foi concluída 1597 e a de Santos em 1600. LEITE. *Novas páginas da História do Brasil*, p. 315.

uma construção bastante simples, de pau-a-pique e cobertura de palha e na qual o fundador português foi sepultado quando de sua morte, em 1567, pelo ferimento durante o combate no Morro da Glória.²²

O colégio e a igreja traçados por Francisco Dias (fig. 2) foram construídos no Morro do Castelo.²³ Em robusta alvenaria de pedra e cal, a nova igreja, consagrada no Natal de 1588, ostentava uma sobriedade que se evidenciava também na fachada (fig. 3), coroada por um frontão triangular e na qual predominavam as linhas retas, que certamente remetia ao modelo da casa professa lisboeta e da igreja de Braga.

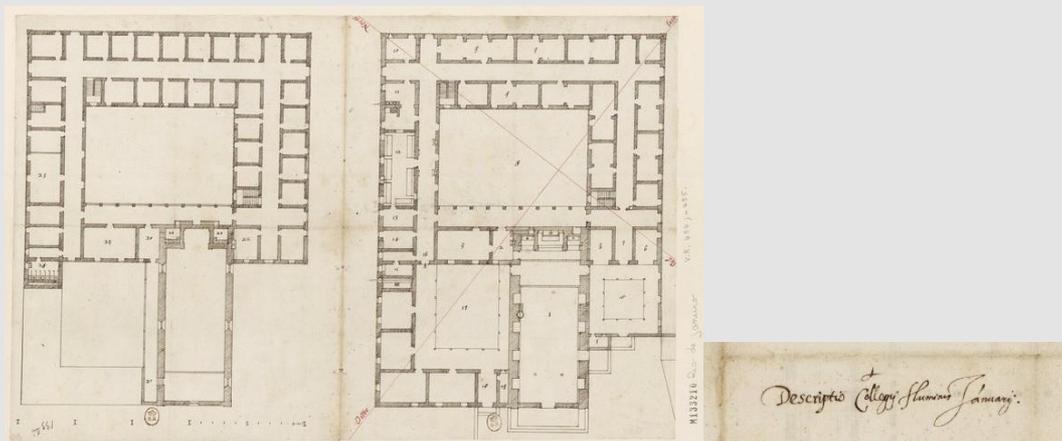


Figura 2 – Planta da Igreja e Colégio do Rio de Janeiro (esq.) e detalhe do título em latim (dir.).

Como recorda Gauvin Bailey, o aspecto exterior dos edifícios de muitas das principais fundações jesuíticas, sobretudo as primeiras e mais antigas, são marcados por características de um maneirismo itálico tardio, com fachadas retilíneas divididas por pilastras e que ostentam pouca ornamentação escultórica.²⁴

22 SILVA, César Augusto Tovar. Arquitetura, iconografia e devoção: a igreja de Santo Inácio e Nossa Senhora das Vitórias da cidade do Rio de Janeiro. In *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, 2013, p. 1. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371254851_ARQUIVO_Arquitetura,iconografiaedevoacao-versaofinal.pdf

23 *Idem*, p. 2. Segundo o autor, a designação de igreja de Santo Inácio se deu somente em 1622, após a canonização do fundador da Companhia de Jesus.

24 BAILEY. *Art in the Jesuit Missions in Asia and Latin America*, p. 148.



Figura 3 – Fotografia da Igreja do Colégio do Rio de Janeiro (anterior à demolição).



Figura 4 – Igreja do Colégio de Olinda.

É o que se observa também no frontispício da segunda igreja traçada por Francisco Dias, a do Colégio de Pernambuco (fig. 4), em Olinda.²⁵ Não obstante ter sido atingida pelo incêndio havido por ocasião da invasão holandesa, em

²⁵ A chegada dos inicianos Manuel da Nóbrega e António Pires a Olinda se deu em 1551, após sua permanência na Bahia. Na ocasião, receberam uma capela dedicada a Nossa Senhora da Graça, originalmente destinada aos padres agostinianos que acabaram por não vir à vila. Em 1565, a capela é substituída por outra igreja e na década de setenta construída totalmente.

1631, uma pintura de Frans Post com uma vista das ruínas da cidade (fig. 5) mostra as paredes da igreja “intactas e de pé”²⁶, assim como seu frontão.



Figura 5 – Frans Post. Vista de Olinda.

Em 1666, o conjunto jesuítico de Olinda foi restaurado, mantendo-se suas características de severidade e sobriedade, ainda que a fachada da igreja fosse submetida a uma pequena “modernização barroca”.²⁷

Seu interior é um grande salão com duas capelas colaterais à guisa de falso transepto, confessionários em arcadas menores inseridas na espessura do muro, capela-mor pouca profunda e ladeada por outras duas capelas. Serafim Leite recorda que o Provincial Pero Rodrigues, ao passar por Pernambuco em 1597, “achou já uma Igreja, da traça de São Roque, quase acabada”.²⁸ Lúcio Costa sugere que tal interior de Nossa Senhora da Graça de Olinda corresponde à feição

26 LEITE. *Novas páginas da História do Brasil*, p. 306.

27 CARVALHO. Anna Maria Monteiro Fausto de. O Colégio de Jesus do Recife e a Igreja de Nossa Senhora do Ó. *História e Articulação Espacial*. In *Barroco. Actas do II Congresso Internacional – Porto/Vila Real/Aveiro/Arouca*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p. 100.

28 *Idem*, p. 306.

original de São Roque, anterior à intervenção seiscentista que acrescentou as duas novas capelas colaterais no lugar dos nichos destinados aos confessionários. Em seu entendimento, em vista de tais considerações, esta é obra de significativa importância histórica e “a única igreja jesuítica quinhentista, com *pedigree*, ainda existente no Brasil”.²⁹



Figura 6 - Interior da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Olinda.

29 COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. In *ARS (São Paulo)*, vol.8, no.16. São Paulo, 2010, p. 138, n. 1.

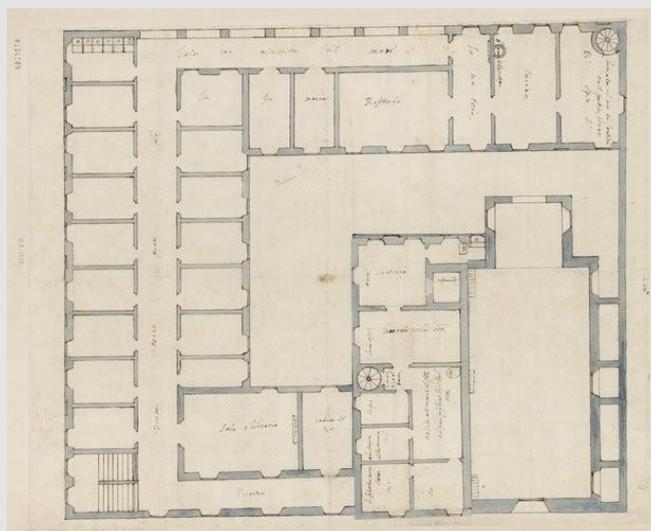


Figura 7 – Planta de uma igreja e colégio jesuíta, possivelmente Olinda, atribuído a Francisco Dias

Um desenho encontrado na Biblioteca Nacional da França (fig. 7), possivelmente para este templo, pode ser atribuído a Francisco Dias, segundo afirma José Luiz Mota Menezes³⁰, o responsável pela reforma realizada entre 1974 e 1978 com o intuito de devolver ao edifício seu aspecto original.

Assim, de acordo com o cronista da Companhia, a igreja lisboeta de São Roque, tal como Afonso Álvares a concebeu, de uma só nave, a cuja construção presidiu o Irmão Francisco Dias, foi a que serviu de modelo às igrejas dos primeiros colégios do Brasil.

Dos *Colégios*, dizemos, não das *Aldeias*, porque duas destas iam ser do partido de três naves, por uma influência que nos quer parecer alentejana. (Eram do Alentejo os Provinciais Pero Rodrigues, Fernão Cardim e Domingos Coelho, e também Manuel do Couto, superior do Espírito Santo). E isto já no primeiro quartel do século XVII, as igrejas, com as residências anexas, da Aldeia de Reritiba no Espírito Santo, e da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio no Rio de Janeiro, que resistiram ao tempo e estão de pé. Construídas ambas, em todo o caso, em vida ainda do Arquiteto Francisco Dias, também então no Rio de Janeiro.³¹

30 MENEZES, José Luiz Mota. Igreja de Nossa Senhora da Graça do Colégio dos Jesuítas – Arquitetura Religiosa. In *História do Patrimônio de Influência Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em www.hpip.org

31 LEITE. Novas páginas da História do Brasil, p. 304.

Ainda que as ordenações recebidas por Francisco Dias em Portugal lhe incumbissem apenas os riscos das igrejas e colégios da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, ele também se ocupou da traça da igreja do Colégio de Santos (fig. 8), em 1585, no mesmo ano em que riscou a igreja do Morro do Castelo.³²

Do mesmo modo, também o aspecto da igreja de Santos se assemelha àquela da igreja do Rio de Janeiro e Robert Smith lembra que uma planta do colégio da Sociedade de Jesus em Santos, e de sua igreja em ruínas, é o último dos desenhos jesuítas do Arquivo Militar do Rio de Janeiro.³³ Segundo o autor, a fachada da igreja evoca o “estilo” do final do século XVI e,

apesar de ter sido duas vezes reformada desde sua construção primitiva em 1598, parece admissível que as linhas do projeto de Francisco Dias tenham sido respeitadas. O severo frontão da igreja, as três janelas retangulares e o frontão triangular da única porta de entrada provêm todos do estilo da Renascença das primeiras igrejas jesuítas permanentes no Brasil, das quais os dois melhores exemplos acham-se no Estado do Espírito Santo.³⁴

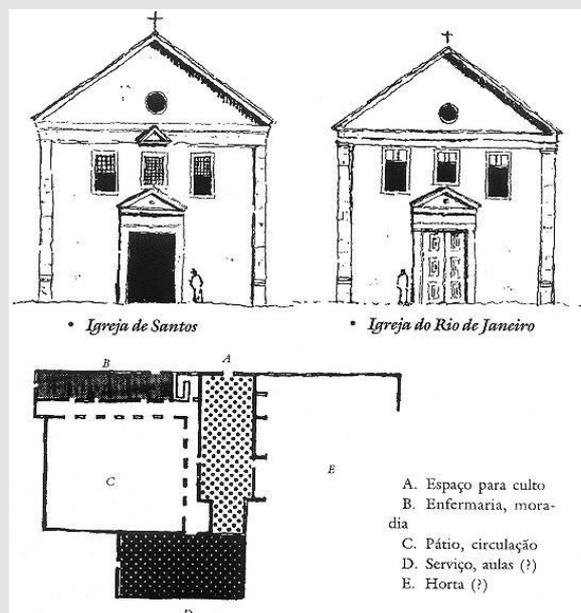


Figura 8 – Alçado das igrejas de Santos e do Rio de Janeiro e esquema da planta da Igreja e Colégio de Santos.

³² *Idem*, p. 305.

³³ SMITH, Robert Chester. *Arquitetura jesuítica no Brasil*. Tradução de Eunice R. Ribeiro Costa, Departamento Histórico Crítico, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, publicação 2, 1962, p. 31.

³⁴ *Idem*, p. 33. As igrejas do Espírito Santo aos quais o autor faz referência são a dos Reis Magos e de Reritiba.

Entre as referidas obras da Capitania do Espírito Santo se encontra Igreja e residência dos Reis Magos (fig. 9), cujas feições não destoam daquelas das demais igrejas mencionadas. De nave única, ostenta fachada simples, frontão triangular com tímpano perfurado por óculo lobulado, porta única, sobre a qual se rasgam três janelas na altura do coro, além de torre entre a nave e a residência. Apesar da simplicidade, comum às outras igrejas jesuíticas do Espírito Santo, a Igreja dos Reis Magos apresenta elementos em lioz, inexistentes nos demais templos da Capitania, como a portada principal, composta dentro do vocabulário renascentista.³⁵ Para Benedito Lima de Toledo, a “bela portada serliana da igreja da Aldeia dos Reis Magos, reveladora da erudição de quem realizou o projeto”, pode ser indício da participação do Irmão Francisco Dias também nesta obra.

Contudo, a referência de Smith no estudo publicado originalmente em 1948 a um “estilo da Renascença das primeiras igrejas jesuíticas permanentes do Brasil”, indica aproximação às hipóteses de Lúcio Costa, que no texto sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil, publicado originalmente na Revista do SPHAN em 1941, sublinha a correspondência de grande parte das construções jesuíticas brasileiras definitivas ao período de domínio espanhol – “quando a personalidade obstinada e sombria de Felipe II já se desenhava, com tamanha nitidez, na arquitetura austera e despojada, quase penitente, do seu ‘palácio-convento’”.³⁶ Para o arquiteto, nada mais natural que as construções da Companhia, conhecidas as ligações dela com o monarca, refletissem, também aqui, pelas suas proporções e modenatura, o “gosto severo e frio próprio do estilo de Herrera”, tanto mais que as dificuldades locais impunham mesmo à nossa arquitetura um certo comedimento.

Outro aspecto importante salientado por Costa foi o contato, em Portugal, entre Felipe II e Filippo Terzi, o arquiteto bolonhês dos jesuítas, um artista da

35 PESSÔA, José Simões Belmont. Igreja e residência dos Reis Magos, Serra (Nova Almeida). In *História do Patrimônio de Influência Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em www.hpip.org

36 COSTA. A arquitetura dos jesuítas no Brasil, p.121.

nova escola, capaz de traduzir ao monarca o puro ideal de paladino tenaz da Contra-Reforma; tanto que o rei confiou ao artista as obras dos Paços da Ribeira e após, em 1590, o seu visto às famosas plantas da igreja de São Vicente de Fora em Lisboa.

Foi precisamente esse estilo sóbrio e de formas geométricas definidas, de Herrera em Madri e de Terzi em Lisboa, estilo ali, então, ‘ultramoderno’ e que destoava violentamente da atmosfera local, saturada ainda de reminiscências manuelinas e platerescas, que veio para o Brasil quinhentista, trazido de primeira mão pelo arquiteto Francisco Dias, colaborador de Terzi na construção de São Roque.³⁷



Figura 9 – Igreja e colégio dos Reis Magos.

Na análise do autor, se para os europeus, saturados de “Renascimento”, a noção de “estilo jesuítico” comumente se associa, para além das formas compassadas iniciais, às manifestações mais desenvoltas do “Barroco” e para os hispano-americanos, onde a ação da Companhia perdurou ao longo de todo o século XVIII, a ideia da arte jesuítica abrange o ciclo barroco completo,

para nós, no Brasil, onde a atividade dos padres, já atenuada na primeira metade do século, foi definitivamente interrompida em 1759, as obras dos jesuítas, ou pelo menos grande parte delas, representam o que temos de mais ‘antigo’. Consequentemente, quando se fala aqui em ‘estilo jesuítico’, o que se quer significar, de preferência, são as composições mais renascentistas, mais

³⁷ *Idem*, p. 121.

moderadas, regulares e frias, ainda imbuídas do espírito severo da
Contra Reforma.³⁸

Reside aí o peculiar interesse das primeiras igrejas de colégios jesuítas
construídas na América portuguesa. E não se trata simplesmente da mera
reiteração dos estudos pioneiros. Ao contrário, a partir de tais questões aventadas
a meados do século passado, restava em aberto a necessidade de questionamento
acerca dos preceitos, normativas e exemplos da arquitetura religiosa da dita
Contra-Reforma a fim de melhor compreender quais foram de fato os valores
empregados nesses tempos iniciais da Colônia.

Recebido em: 28/11/23- Aceito em: 04/01/24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Gauvin Alexander. *Art in the Jesuit Missions in Asia and Latin
America, 1542- 1773*. Toronto/Buffalo/London: The University of Toronto
Press, 1999.

_____. *Between Renaissance and Baroque – Jesuit
Art in Rome, 1565-1610*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press,
2003.

BARBOSA, Gino Caldato. A Igreja e o Colégio de São Miguel da Vila de
Santos (1585-1759). In *Leopoldianum - Revista de Estudos e Comunicações da
Universidade Católica de Santos* (volume XXIII, agosto, 1997, nº 64,
Santos/SP). <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0301.htm>

BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. São Paulo: Nobel, 1991.

CARVALHO, Anna Maria Monteiro Fausto de. O Colégio de Jesus do Recife e
a Igreja de Nossa Senhora do Ó. História e Articulação Espacial. In *Barroco*.

38 COSTA. A arquitetura dos jesuítas no Brasil, p. 129.

Actas do II Congresso Internacional – Porto/Vila Real/Aveiro/Arouca. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, pp. 99-110.

_____. Utopia e Realidade. Real Colégio de Jesus da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. In *A Forma e a Imagem. Arte e Arquitetura Jesuítica no Rio de Janeiro Colonial*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1991.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. The Uses of Shamanism: Evangelizing Strategies and Missionary Models in Seventeenth-Century Brazil. In O'MALLEY, J. W. (S.J.); BAILEY, G. A.; HARRIS, S. J.; KENNEDY, T. F. (S.J.) (Editors). *The Jesuits II – Culture, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Toronto, Buffalo, London: The University of Toronto Press, 2010, pp. 616-637.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes. *Obras-Primas da Arte Portuguesa – Arquitetura*. Lisboa: Athena, 2011.

GONÇALVES, Nuno da Silva. Baltasar Teles, cronista da Companhia de Jesus. In *Quando os frades faziam história*, dir. de José Adriano Freitas Carvalho, Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2001, pp. 95-100.

LEITE, Serafim (S. J.). *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Ed. Brotéria, 1953.

LEITE, Serafim (S. J.). *Novas páginas da História do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

MENEZES, José Luiz Mota. Igreja de Nossa Senhora da Graça do Colégio dos Jesuítas – Arquitetura Religiosa. In *História do Patrimônio de Influência Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em www.hpip.org

PIRRI, Pietro. *Giovanni Tristano e i primordi della architettura gesuitica*. Roma: Institutum Historium S. J., 1955.

OLIVEIRA, Maria Helena. *Igreja de São Roque*. Lisboa: Santa Casa de Misericórdia, 2008.

PESSÔA, José Simões Belmont. Igreja e residência dos Reis Magos, Serra (Nova Almeida). In *História do Patrimônio de Influência Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em www.hpip.org

SMITH, Robert Chester. *Arquitetura jesuítica no Brasil*. Tradução de Eunice R. Ribeiro Costa, Departamento Histórico Crítico. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, publicação 2, 1962.

SILVA, César Augusto Tovar. Arquitetura, iconografia e devoção: a igreja de Santo Inácio e Nossa Senhora das Vitórias da cidade do Rio de Janeiro. In *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, 2013. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371254851_ARQUIVO_Arquitetura,iconografiaedevoacao-versaofinal.pdf

TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Entre a Cruz e a Espada: Jesuítas e a América Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 1995.

TOLEDO, Benedito Lima de. *Esplendor do Barroco Luso-brasileiro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.